

Intervenção do Prof. José Veiga Simão



Senhor Secretário de Estado,
Sr. Presidente e Vice-Presidente do Conselho Directivo do ITN,
Senhor Presidente do Conselho Científico,
Meus caros companheiros e amigos:

Num testemunho para um livro da autoria do Dr. Jaime Oliveira — o qual dirigiu esta casa com elevada competência, honestidade intelectual e eficiência — recordei as minhas ligações à Junta de Energia Nuclear (JEN), desde os anos 50. Nesse testemunho pretendi distinguir três pilares de análise: o da *decisão política*, o da *acção científica e técnica* e o do *plano da imagem*, que nos dá a percepção do que nos transmite e do que se pensa numa instituição.

Estes pilares foram desenvolvidos de acordo com uma calendarização temporal relativa a três períodos: o *antes do 25 de Abril*, o *período da revolução* e o *período constitucional*.

Obviamente não irei reproduzir aqui essa análise, sendo certo que, até à criação do Laboratório de Engenharia e Tecnologia Industrial (LNETI), que resultou dum processo faseado de reorganização e extinção da Junta de Energia Nuclear, a minha ligação à JEN se situa, apenas, no início do seu desenvolvimento, como seu consultor, entre os anos 57 e 61...

Ainda me recordo das conversas que aqui vinha ter semanalmente, a convite do meu saudoso amigo Dr. Carlos Cacho, conversas que incidiram sobre a estrutura da matéria, as reacções nucleares e a mecânica quântica, assuntos que cultivara após os meus doutoramentos na Universidade de Cambridge e na Universidade de Coimbra.

Ainda me lembro dos então meus alunos, como o Frederico Silva Carvalho, o Sousa Lopes, o Namorado Rosa, o Cândido Marciano da Silva, a Maria Fernanda Silva e outros... É só em 1978, portanto muito mais tarde, que por pouco tempo exerço — cumulativamente com a Presidência do LNETI — o cargo de Presidente da Junta de Energia Nuclear, já em extinção e que, nessa qualidade, fui governador da Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA). Nesses tempos, a AIEA prestou inestimáveis serviços a esta Instituição, no campo da qualificação

dos meios humanos, no campo da assistência técnica e no fornecimento de equipamentos.

Não vou, pois, referir-me a esse testemunho.

Importa aqui, ao celebrarmos 50 anos, fazer emergir algumas ideias mestras:

- Em primeiro lugar, a Junta de Energia Nuclear teve, ao seu serviço, notáveis figuras da política, da ciência e da técnica portuguesa. Aliás, numa simples leitura dos nomes das personalidades que constituíram a sua primeira Direcção, encontramos Frederico Ulrich, como seu presidente, Leite Pinto, Kaúlza de Arriaga, Rogério Cavaca, Manuel Rocha, Victor Hugo de Lemos, Carlos Coutinho Braga, Herculano de Carvalho, Carrington Costa, Abecassis Manzanares e muitos outros; um escol ilustre da vida política, académica e científica. Acresce que se sucederam, na direcção da Junta, personalidades como Leite Pinto, Kaúlza de Arriaga, Soeiro de Brito e João Caraça... E, como directores do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, Carlos Cacho e Jaime Oliveira. Entre os investigadores, recorro — entre outros — os seguintes: Frederico Carvalho, Sousa Lopes e Fernanda Silva, na Física; Peixoto Cabral e Pires de Matos, na Química; Fernando Videira, Oliveira Sampaio e Henrique Carvalhinhos, na Metalurgia; Pistacchini Galvão, Ortins de Bettencourt, Fernando de Carvalho e Ferro de Carvalho, na Segurança Radiológica; Carvalho Rodrigues e Carlos Veiga, na Electrónica.
A JEN afirmou-se como Escola de Ciência e de Tecnologia, abrangendo mesmo a Cultura, a Datação e a Museologia...;
- Em segundo lugar, a Junta de Energia Nuclear, logo após a sua fundação e num saudável conflito com a universidade, desenvolveu-se, progressivamente, como uma escola ímpar da ciência e da técnica, com liderança nalgumas áreas do conhecimento e que teve expressão em vários serviços públicos dentro e fora dela.... Ao longo do tempo, mau grado certas vicissitudes da política e as *pequenezas de governantes*, um dos serviços que permaneceu com integralidade foi o Instituto Tecnológico e Nuclear, o sucessor do antigo Laboratório de Física e Engenharia Nucleares;
- Em terceiro lugar, todos nós sabemos que a Junta de Energia Nuclear se desenvolveu numa perspectiva global que, de acordo com um projecto inicial, se foi construindo. Hoje, a JEN encontra-se repartida por muitas outras entidades: ela está na EDP, ela está no Ministério do Ambiente, ela está no Ministério da Economia, ela está no Ministério da Saúde, ela está no INETI, ela está na Universidade e ela permanece no ITN. Em relação a este houve algumas tentativas, dominadas por infantil ignorância, de o desmantelar, defendendo a certa altura uma visão economicista levada à perfeição — alguns designados pelos partidos políticos como gestores públicos — pelo desconhecimento científico, como se este laboratório pudesse ser rentável, porventura vendendo radiações e segurança nuclear porta a porta, pensando-se que clientes privados poderiam rentabilizá-lo,

subalternizando sempre a missão e as funções do Estado e, em particular, do Estado como grande cliente de programas contratualizados;

- Em último lugar, outra facete importante da JEN foi a sua internacionalização, afirmando-se como uma voz respeitada em várias organizações internacionais.

Enfim, eu diria que, se quisermos olhar para trás, estamos na presença de uma *escola de formação avançada*, onde têm sido cultivadas as tecnologias que estão associadas a aplicações pacíficas da energia nuclear, incluindo as relacionadas com centrais nucleares e com destaque para os estudos de segurança nuclear que incidiram sobre o Reactor Português de Investigação, esperando-se que não sofra um desmantelamento voluntarista, sem auditoria da AIEA, tecnologias de radiação, produção de radioisótopos, ciência e tecnologia de materiais, química fina, bioquímica, etc..

A protecção contra radiações andou a deambular por vários departamentos do Estado — dando jus ao princípio da incerteza de Heisenberg na governação portuguesa — sem qualquer concepção de futuro e, porventura, como as radiações não se apalpa e nem se vêem, regressou novamente ao ITN. por falta de sustentação e substância noutros locais, numa reafirmação duma lógica previsível.

A Junta de Energia Nuclear teve, ainda, uma grande afirmação no domínio dos recursos geológicos e mineiros. A propósito, é preciso ter cuidado com o que se está a passar em Canas de Senhorim e noutras localidades onde há minas de urânio desactivadas... Uma vergonha nacional, simbólica do desvario de gastos públicos pretensamente escondidos na manta de retalhos duma falsa austeridade....

Meus caros amigos.

Esta visão, simultaneamente realista, às vezes caricatural, mas certa, traz-nos mensagens para o futuro. Aqui estamos nós, no dia 17 de Novembro de 2004, a comemorar os 50 anos da Junta de Energia Nuclear, nascida em 1954, e a recordar um percurso que é pletórico de lições, no âmbito da ciência e tecnologia, do desenvolvimento sustentado e sustentável, do conhecimento e da ignorância, da política e da demagogia. Um percurso em que a energia nuclear é fonte de amor e de ódio, de deuses e de diabos, de sonhos e de insónias, de aplicações legítimas e de mercados ilegítimos; um percurso que foi uma afirmação de juventude e de esperanças, que atraiu jovens, altamente qualificados, para a procura do mundo maravilhoso da descoberta, mas que também afastou outros jovens, perante o espectro negro da energia nuclear, considerada como fonte de malefícios sem nome.

E assim se foi escrevendo uma história, uma história em que figura a heroína exemplar, Madame Curie, hoje desterrada dos livros da ciência, mas que agora foi reabilitada pela União Europeia.

As palavras sábias de Einstein, que reflectem não ser a Ciência responsável pelos actos de ignomínia dos homens, deviam estar sempre presentes... Para cultivar a energia nuclear nasceram, nos anos 40, Laboratórios do Estado, famosos em várias partes do mundo. Mais tarde, nos anos 80, estes Laboratórios — aliás, em conjunto com outros — foram postos em questão, muitas vezes com falsos argumentos, optando-se, nos países dominados pelo conhecimento, por soluções criativas e inovadoras. Nos países mais próximos da ignorância, optou-se pela sua degradação e pelo esvaziamento das suas actividades, tendo surgido em sua substituição outras instituições, consideradas mais flexíveis, algumas condenadas à falência humana, técnica e financeira — porque não passavam de pequenos sorvedouros de dinheiros públicos, sem Tribunal de Contas — e outras resultantes de projectos pessoais, subsidiados pelo Estado, mas com nova roupagem.

Que percurso, meus amigos, todo este, que eu vá começar com estudos sobre estrutura da matéria, quando congeminava sobre modelos explicativos da sua génese e organização, oscilando entre curvas de ressonância, elementos essenciais para a caracterização dos *spins* e das *paridades* de níveis energéticos, feita através de cálculos matriciais complexos. Acontece que este nosso País foi sujeito a múltiplas ressonâncias políticas no último século, que fizeram dele um País de liberdade, mas também a certa altura, um laboratório biológico doloroso e atraente, ainda por estudar...

A natureza do percurso da Junta não cabe nos quadros normais da lógica de dois valores. Antes, é dominada pelo princípio da incerteza de Heisenberg, pela lógica de três valores colocada no espaço de Minkovski, onde os governantes raramente entenderam a coordenada do tempo, essencial na teoria da relatividade, mas pouco cultivada na política. Resta aos historiadores determinar os *spins* e as *paridades* da acção de múltiplas governações, num laboratório com várias tutelas, e dar uma explicação, com alguma aproximação ao rigor científico da decisão...

Por isso, eu diria que a Junta de Energia Nuclear é a instituição científica portuguesa onde se confrontaram, sem dúvida, as forças que, no dizer de Gaston de Bachelard, determinam ora a estagnação ora o progresso; ou seja, as forças do movimento e da ascensão, de um lado, e, do outro, as forças do abaixamento e da parálise. Mau grado isto tudo, a Junta de Energia Nuclear, como disse, ainda se encontra viva, repartida pelos sectores público e privado. No que diz respeito ao Instituto Tecnológico e Nuclear, penso que, para bem dele, se encontra na tutela do Ministério mais apropriado, o da Ciência, da Inovação e do Ensino Superior.... Permita-me, aqui, Senhor Secretário de Estado, cumprimentá-lo e dizer-lhe quanto este laboratório espera da sua acção, certo que todos nós temos conhecimento da sua excelente experiência europeia e internacional, no domínio de *dossiers* tão delicados como aqueles que estão associados à energia e ao seu futuro.

E ainda bem que, afinal, estas aventuras de desintegração científica irracional terminaram.... Hoje, uma actividade que, na opinião pública, dará maior visibilidade a este laboratório — para além, naturalmente, dos sempre presentes e necessários estudos e acompanhamentos de aplicações pacíficas da energia

nuclear e das respectivas tecnologias — consiste em apoiar o conjunto das obrigações do Estado em matéria de Protecção Radiológica, Radioactividade Ambiente e Segurança Nuclear, assuntos de complexidade cada vez maior, no mundo em que vivemos.

Os Senhores Presidente e Vice-Presidente do Conselho Directivo e Presidente do Conselho Científico, com créditos científicos firmados, em termos mais rigorosos por que mais vividos, dirão ao Senhor Secretário de Estado da Ciência e Inovação, não apenas as suas dificuldades financeiras mas, também, os seus anseios, esperando a sua compreensão mercê do conhecimento que tem destes complexos *dossiers*.

Termino, meus amigos, dizendo apenas uma coisa. Os Laboratórios do Estado, quer este quer outros, não terão futuro no nosso país — e já houve algumas tentativas de destruição total, se não forem também *escolas de pós-graduação*, de *elevada qualificação de elites*. Se não invadirmos este laboratório de *jovens* e de *esperança*, a vida será difícil no Instituto Tecnológico e Nuclear. Precisa-se duma *associação forte ao capital intelectual* do mundo dominado pelo conhecimento.

Um laboratório sem jovens é um laboratório morto. O Instituto precisa da juventude e precisa de esperança.

Muito obrigado.